

**Primórdios  
batistas no  
Brasil:  
abertura de  
igrejas e  
formação da  
equipe  
missionária  
(1881-1886)**

**Pedro Henrique Alves<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup>Mestrando em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas. E-mail: pedhenriquealves@gmail.com



**Baptist  
beginnings  
in Brazil:  
Church opening  
and missionary  
team formation  
(1881-1886)**

**Resumo:**

O objetivo desse artigo é caracterizar a inserção de missionários batistas estadunidenses no Brasil e elucidar as estratégias e escolhas de tal grupo para o estabelecimento de igrejas batistas no país. O texto, partindo da chegada no Brasil de uma equipe missionária batista enviada pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, desenvolve o processo de aproximação do grupo com a população brasileira, a expansão das igrejas por algumas capitais e a constituição de um primeiro grupo de congregações batistas no Brasil entre 1881 e 1886.

**Palavras-chave:** Batistas; Crescimento; Protestantismo.

**Abstract:**

The aim of this article is to characterize the insertion of american baptist missionaries in Brazil and to elucidate the strategies and choices of such a group for the establishment of baptist churches in the country. The text, based on the arrival in Brazil of a Baptist missionary team sent by the Southern Baptist Convention of the United States, develops the process of bringing the group closer to the brazilian population, the expansion of churches in some capitals and the constitution of a first group of baptist congregations in Brazil between 1881 and 1886.

**Keywords:** Baptists; Growth; Protestantism.

## Introdução

Muitas denominações protestantes começaram a enviar missionários ao Brasil a partir dos anos 1850 com o intuito de evangelizar os brasileiros, pois viam o país como uma nação cristianizada e não convertida. Nesse sentido, as denominações protestantes chegaram ao Brasil na seguinte ordem: luteranos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais. Muitos desses missionários eram biocupacionais, ou seja, dividiam suas vidas profissionais com as atividades religiosas. Devido a escândalos morais de imigrantes que chegaram anteriormente e professavam fé protestante<sup>2</sup>, a geração seguinte, que chamaremos de “protestantes de missão”, como Antônio Gouvêa Mendonça define (MENDONÇA, 2005, p. 52) era bem preparada teologicamente e se preocupava com um comportamento exemplar. Enfatizaram a vida futura em detrimento da vida presente” (CESAR, 2000, p.79). Segundo Mendonça, a pregação do protestantismo de missão:

Sempre foi tríplice avivalista, polêmico e moralista. O padrão avivalista tem por objetivo a conversão do indivíduo, o polêmico convencê-lo da verdade do protestantismo ante ao catolicismo e o moralista mostra e inculca os padrões de conduta diferenciadores da nova religião (MENDONÇA, 1984, p.207).

Embora uma geração tentasse criar diferenças em relação a outra, a chegada dos protestantes de imigração já contribuiu para uma posterior aceitação dos protestantes de missão no Brasil. Protestantes de imigração e de missão não diferiam em sua teologia ou eclesiologia, mas nas suas intenções. Os primeiros tinham preocupações étnicas mais acentuadas, especialmente quanto aos rituais e tradições das regiões de origem. Já os seguintes, desejavam pregar e crescer numérica e simbolicamente no Brasil. A partir da chegada dos missionários protestantes, foi feita uma clivagem entre as igrejas protestantes étnicas e as igrejas missionárias. As intenções de fundação dos dois modelos eclesiásticos eram diferentes. As primeiras foram criadas para abrigar aos colonos europeus e estadunidenses que vieram para o Brasil a partir de meados do século XIX. Já as de missão, foram abertas para evangelizar brasileiros e incorporar locais como objetivo principal. No caso batista, os colonos estadunidenses que ocuparam a região de Santa Bárbara d'Oeste foram

---

<sup>2</sup>Cf. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

hospitaleiros com o primeiro missionário batista enviado para pregar no Brasil, mas não houve nenhum tipo de trabalho em conjunto entre as duas gerações que se tornasse mais efetivo ou bem-sucedido.

Os missionários, de maioria estadunidense, vieram ao Brasil insuflados por um “sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos” (MENDONÇA, 1984, p.57). O Brasil não era apenas, para eles, um país não evangelizado, mas um país de dimensões continentais, com uma monarquia relativamente liberal quanto a missionários estrangeiros e um centro cultural e religioso para toda a região. A vinda para o Brasil era, portanto, um passo estratégico da denominação em relação às missões não apenas no país, mas no continente e, a longo prazo, um grande empreendimento para a expansão dos batistas pelo mundo. Além da esfera religiosa, o sentimento nacional dos missionários era imbuído da responsabilidade de universalização da democracia aos moldes estadunidenses<sup>3</sup>. Esse valor era caro para todas as denominações proeminentes da América e, ainda mais para os batistas, que tinham a democracia como um valor inegociável inclusive em suas relações religiosas e eclesiais.

### **Thomas Jefferson Bowen no Brasil**

Os protestantes investiram muito na evangelização do Brasil a partir de meados do século XIX. Os batistas, mais especificamente, embora mais reticentes que outras denominações, mandaram também representantes. A Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos mantinha no continente africano Thomas Jefferson Bowen, o primeiro missionário batista enviado para a África Central (OLIVEIRA, 2005, p.106), em 1849. Bowen, nascido em Jackson, estado da Geórgia, em 1814, ex-combatente na guerra de independência do Texas (1835-1836), desempenhou explorações pelo território Iorubá, onde hoje se localiza a Nigéria, sustentado como missionário americano no local. Entretanto, o pastor teve muitas dificuldades de adaptação e de administração de recursos no campo missionário e contraiu malária no período. Em viagem pelos EUA, em 1853, casou-se

---

<sup>3</sup>Esse trabalho não se debruçará sobre a democracia política americana em níveis macro, mas apenas nas relações sociais e institucionais. Quando usarmos o termo “democracia” no texto, estaremos nos referindo ao nível micro, interno as igrejas e associações, e não à política estatal ou a democracia política no sentido filosófico.

com Lurena Bowen e ambos retornaram a África. Permaneceram entre os iorubá por mais três anos, voltando aos EUA por determinação da Junta, que temia que as doenças frequentes do casal causassem danos maiores.

Bowen não desejava ficar nos Estados Unidos. Betty Antunes de Oliveira sugere que o missionário possa ter lido *Brazil and Brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches*, publicado em 1857, de Daniel P. Kidder e James C. Fletcher, missionários metodista e presbiteriano, respectivamente, que viajaram por todo o Brasil e fizeram um relato de viagem bem otimista quanto à possibilidade de missionários americanos se estabelecerem e terem sucesso entre os brasileiros. Além disso, o livro era um relato de observação da cidade do Rio de Janeiro e suas circunvizinhanças, os costumes e hábitos dos cariocas e as características naturais brasileiras. Segundo Betty Antunes, o livro estava entre os sucessos editoriais na região sul dos Estados Unidos no período em que Bowen retornou definitivamente ao seu país de origem, de forma que, sendo ele um missionário, muito provavelmente a leitura – que pode ter acontecido ou não - pode ter influenciado Bowen a atentar para o Brasil como possível campo missionário (OLIVEIRA, 2005, p.112).

O que sabemos é que o missionário escreveu uma carta à Junta de Missões Estrangeiras solicitando trabalhar no Brasil, pois desejava “preparar pregadores de cor negra” (OLIVEIRA, 2005, p.112). Seu pedido foi atendido, de forma que Bowen e sua família chegaram ao Rio de Janeiro em 21 de maio de 1860. Alguns dias depois, sua chegada foi anunciada no jornal *Diário do Rio de Janeiro*:

Dizem-nos que um pastor americano procedente de Richmond, traz a intenção de converter as almas desgarradas às doutrinas da seita dos anabatistas, que professa. Começou já a exercer a sua missão pregando aos pretos-moinas, cuja língua fala perfeitamente, ao que nos informam. Espíritos supersticiosos e timoratos, esses pobres pretos começam a tributar uma profunda veneração pelo missionário. Tal pregação pode criar deveres prosélitos entre as inteligências brancas e incultas, e estabelecer no país uma seita cuja manifestação é inconvenientíssima. À autoridade compete a verificação deste fato (OLIVEIRA, 2005, p.113).

Três dias depois, no mesmo jornal, Bowen parece pedir para que os editores apaziguassem ânimos levantados pela notícia anterior:

O padre americano Bowen pede-nos uma retificação à notícia que demos de que vinha pregar e converter entre nós para a seita dos anabatistas. Diz-nos este pastor que fala, é verdade, a língua dos pretos-minas, porque sendo natural do Estado da Geórgia, onde há escravatura, tem tido mais de uma ocasião de comunicar com esses pretos. Foi devido a esse conhecimento que alguns o têm procurado para receber notícias acerca de seu país. A missão

## Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)

que tem no Brasil é empregar na lavoura alguns escravos que possui na Geórgia, e não converter almas ou fundar seita. Estimamos que assim seja; e estimamos por nós e pelo digno pastor. Com a nossa primeira notícia indicávamos à autoridade um fato cuja veracidade nos afiançavam. Estamos convencidos de que o digno pastor fala pela sua consciência, com a qual esperamos que vai ser solidário o seu procedimento futuro (OLIVEIRA, 2005, p.115).

Bowen desejava pregar aos escravizados de origem africana no Brasil, e foi enviado para realizar tal tarefa, muito embora tenha ocultado essa informação em sua réplica a notícia veiculada pelo jornal. É interessante ressaltar que a primeira nota sobre os batistas no Brasil foi uma ameaça velada ao missionário e uma denúncia contra suas atividades. A ocultação sobre seus reais propósitos no país por parte do pastor contraria o posicionamento da Junta de Missões Estrangeiras, que o havia enviado como missionário para evangelização, e não para “empregar na lavoura alguns escravos que possui na Geórgia” ou qualquer outro motivo. Não sabemos os motivos reais de tal postura por parte do missionário por falta de fontes que nos auxiliem a tirar conclusões mais aprofundadas, entretanto, pode ser que, para se manter no país ou para desviar de si a atenção de líderes religiosos opositores e a investigação de autoridades políticas, Bowen tenha escolhido tal discurso.

Um de suas intenções era criar uma igreja de fala inglesa e uma igreja entre os escravizados com pregadores escravizados treinados por ele. Para isso, apresentou um plano de evangelização a seus líderes americanos que envolvia ter um estoque de Bíblias e bons livros para distribuição e venda, alugar um espaço para reuniões para 30 ou 40 pessoas, conservar diariamente o depósito para atendimento ao público, ter uma Escola Dominical, classe bíblica e reuniões de oração, visitar famílias para falar e orar com elas, ter uma escola, que poderia ser dirigida por sua esposa, fazer incursões na região para conversar, pregar e vender Bíblias e escrever tratados adaptados ao país, enfocando as doutrinas e princípios do cristianismo protestante. Com pouquíssimas e muitas sutis diferenças, tal plano foi utilizado pelos batistas brasileiros em toda a sua trajetória no país, desde a sua fundação até atualmente. Entretanto, Bowen e sua esposa estavam sozinhos e não tinham apoio de mais ninguém, de forma que “os obstáculos para o trabalho pareciam tão grandes e a perspectiva de superação era tão pequena, que antes que o Sr. Bowen retornasse, a Junta já considerava o abandono do empreendimento” (WRIGHT, 1902, p.64) (tradução nossa). Assim aconteceu: “os dois [o casal Bowen] adoecem e têm de regressar aos EUA. A experiência dos dois tira força do Brasil como um campo em

potencial. Além disso, a Guerra de Secessão arrefece o ímpeto da Junta” (CRABTREE, 1962, p.59).

### Mudanças na década de 1870 e os imigrantes em Santa Bárbara

Por pelo menos mais dez anos os batistas ficaram longe do Brasil. A Guerra de Secessão, guerra civil entre estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos foi uma marca muito severa a todo o país, inclusive aos projetos da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos e sua Junta de Missões Estrangeiras<sup>4</sup>. Entretanto, as mudanças que ocorriam no Brasil durante a década de 1860 pareciam ser benéficas para a implantação do trabalho protestante. A vitória na Guerra do Paraguai, a introdução de indústrias, a expansão do café, as melhores condições de saneamento básico e pavimentação nas grandes cidades e a melhoria nos transportes e comunicação (CAVALCANTI, 2002, p.425), por exemplo, estimularam que muitos começassem a emigrar para o Brasil vindos da Europa e dos Estados Unidos. Betty Antunes de Oliveira sugere que as estimativas mais verossímeis sobre o total de imigrantes americanos no Brasil apontam entre 5 e 8 mil pessoas (OLIVEIRA, 2005, p.31). Dentre esses, a maioria era do Sul e muitos desses eram batistas.

Muitos imigrantes estadunidenses chegaram ao Brasil a partir de 1865, “mas a mais próspera das colônias sulistas no país se instalou nas imediações de Campinas” (BARBOSA e AMARAL, 2007, p.21), mais especificamente em Santa Bárbara. Os americanos chegaram ao Brasil com inovações tecnológicas que não eram usadas pelos locais, principalmente na área da agricultura, como técnicas mais eficientes de transporte de carga e lavragem de terra, lâmpadas de querosene, máquinas de costura domésticas e de agrimensura. Dessa forma, como sugere H. B. Cavalcanti, os brasileiros, em contato com tais técnicas e máquinas, podem ter adquirido a impressão de que “coisas europeias ou americanas eram mais desenvolvidas, inclusive a fé” (CAVALCANTI, 2002, p.42, tradução nossa), muito embora não tenhamos comprovações empíricas se esse tipo de concepção por parte dos nativos em relação aos imigrantes e sua fé pode ser confirmada. Tais fatores, conjugados ao momento histórico social propício, a aceitação da camada livre e pobre

---

<sup>4</sup> A denominação batista Americana é dividida em convenções, ou seja, associações de igrejas. Cada convenção tem suas “juntas”, que são os braços setoriais de operação da instituição.

## Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)

rural e a expansão cafeeira facilitaram a implantação do protestantismo em Santa Bárbara. Os imigrantes americanos que chegaram a região não foram muito operosos quanto à evangelização dos nativos, como a maioria dos imigrantes protestantes de outras nacionalidades e credos, nem sua importância se deu pelo estabelecimento fixo ou pela permanência, até porque “a maior parte dessas pessoas permaneceu no Brasil menos de cinco anos” (WEAVER, 1952, p. 446). Do mesmo modo, a propaganda que os atraiu não foi muito significativa nem no Brasil nem em sua terra natal:

Os esforços do governo brasileiro para atrair imigrantes do sul dos Estados Unidos nos anos imediatamente após a Guerra Civil receberam pouca atenção nos anais de colonização naquele país. Frequentemente, todo o assunto é destacado em uma ou duas frases; contas mais completas lidam em grande parte com as políticas do governo brasileiro que contribuíram para o fracasso desse projeto de imigração. Do lado norte-americano, o episódio inteiro é considerado um detalhe menor do período da Reconstrução, raramente mencionado em relatos gerais (WEAVER, 1952, p. 446, tradução nossa).

Entretanto, sua importância para a história dos batistas se deu pela preparação do “caminho para o desenvolvimento dum ambiente favorável ao evangelho” (CRABTREE, 1962, p.45). Foram organizadas igrejas na região. Em 1871, presbiterianas, depois uma metodista e, em 10 de setembro do mesmo ano, uma igreja batista. A última foi iniciada com 23 membros e seu primeiro pastor foi um dos colonos, Richard Ratcliff. Esse pastor viera como colono, mas originalmente era pastor e havia se candidatado perante a Junta de Richmond para ser missionário em países orientais dez anos antes. Havia outros pastores batistas entre os imigrantes, mas a ele coube a organização e os serviços eclesiais. Ratcliff, através de cartas, pedia missionários à Junta de Richmond para lhe ajudar. Voltou aos EUA e se ofereceu a elaborar um relatório e explicar a volta de Bowen aos EUA, que fora enviado como missionário ao Brasil uma década antes.

A Igreja Batista de Santa Bárbara, mesmo assim, era insistente em suas solicitações por missionários à Junta de Missões Estrangeiras. Em carta, de 12 de outubro de 1872, a igreja pleiteou:

Passa à Macedônia e ajuda-nos. Não vos receberemos como foi recebido o grande apóstolo, mas as nossas casas vos serão abertas, o nosso progresso, a nossa influência e os nossos labores estarão a vosso dispor. Esperamos que uma boa comunidade batista nesse país seja acrescentada à grande família dos batistas do mundo, ensinando, pregando e praticando a fé uma vez para sempre confiada aos santos (CRABTREE, 1962, p.60).

E a Junta recebia tais pedidos, como registrado:

Em 1873, um pedido foi apresentado à Junta de Missões Estrangeiras de uma pequena igreja de americanos organizada em Santa Bárbara, na província de São Paulo, para considerar o Brasil como campo missionário e a conveniência de enviar missionários para lá (WRIGHT, 1902, p.213, tradução nossa)

169

A igreja, percebendo que a Junta era reticente em relação ao enviar de missionários, mudou sua estratégia de associação com a instituição americana. Em vez de solicitar o comissionamento de ministros, a congregação passou a pedir para ser reconhecida como campo missionário daquela Junta, sem que a instituição se comprometesse com o sustento financeiro do pastor da igreja. Isso significaria em termos práticos que a igreja local seria admitida como uma das igrejas da Junta sediada em Richmond e, portanto, poderia aproximar seus interesses aos da instituição. Poderia também ser apoiada e gerenciada mais proximamente e abriria espaço para que intercâmbios entre as igrejas americanas e brasileiras fossem estabelecidos. Tal pedido foi atendido em 1873, entretanto, somente na edição de agosto de 1879 a petição foi publicada no *Foreign Mission Journal*, publicação oficial da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. A instituição finalmente cedeu a esse apelo e Elias Hoton Quillin, então pastor da comunidade, foi nomeado missionário entre os brasileiros, em 1879. O pastor aceitou o compromisso sem remuneração pessoal e foi incumbido de pastorear a comunidade e enviar relatórios trimestrais do andamento da missão à Junta (WEAVER, 1952, p.466).

Tais relatórios foram usados posteriormente para justificar a intensificação do investimento e da atenção dos batistas do Sul dos Estados Unidos no Brasil. Nesse sentido, tais documentos produzidos por Quillin contribuíram para que a missão batista no Brasil fosse estabelecida posteriormente. Nos fins da década de 1870, um influente ex-general confederado americano, chamado Alexander Travis Hawthorne, amigo pessoal de D. Pedro II, recebeu autorização do governo imperial para viajar pelo Brasil às custas do Estado, a fim de realizar uma prospecção em busca de uma terra aprazível para que fosse constituída uma colônia americana. O general escolheu terras no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, e retornou aos Estados Unidos.

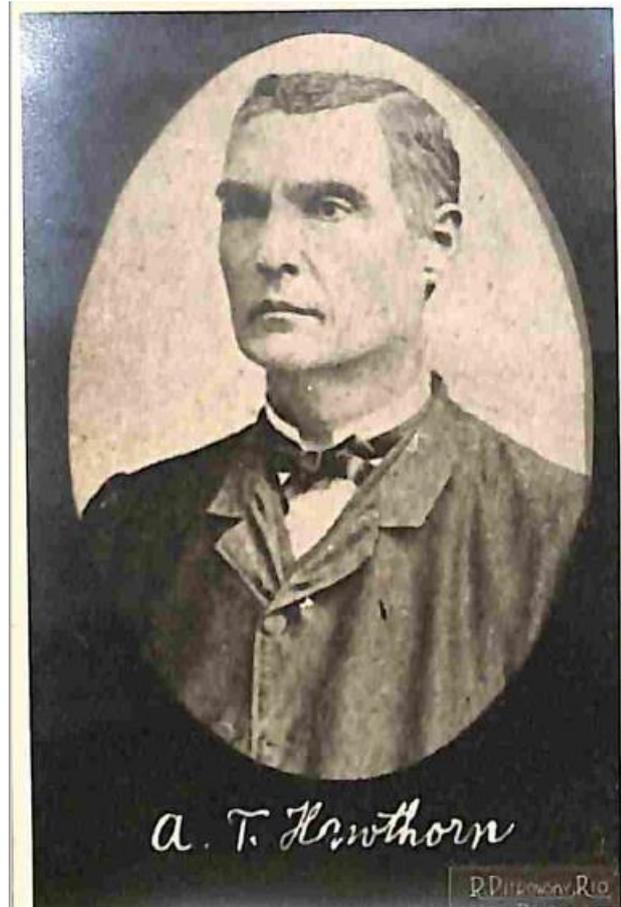


Figura 1 - Alexander Travis Hawthorne. Arquivo Betty Antunes de Oliveira.

Hawthorne considerava se tornar missionário em tempo integral no Brasil. Contudo, já com cinquenta anos de idade, preferiu usar sua influência entre os batistas do Sul dos Estados Unidos para conquistar mais recursos americanos à obra batista no Brasil e para recrutar novos missionários e missionárias que estivessem dispostos a ser pioneiros no país. O papel principal do ex-general no processo de convencimento dos batistas americanos foi que “na reunião da Convenção Batista do Sul em maio de 1880, Hawthorne leu o relatório sobre missões sul-americanas que recomendou a abertura do trabalho no Brasil, trazendo seus sonhos para cumprimento” (WEAVER, 1952, p.466, tradução nossa). O relatório era composto das informações de Quillin e de Hawthorne e “afirmou que o tempo estava maduro para a mudança para o país, pois sua riqueza potencial logo permitiria a trabalhar para ser auto-sustentável” (WEAVER, 1952, p.466) (tradução nossa). O texto também expunha que “são numerosas e facilmente indicáveis as vantagens que este campo oferece, e também as razões que devem estimular o nosso coração e abrir o nosso bolso para esse serviço” (CRABTREE, 1962, p.62). Para o general, não havia local no mundo que

oferecesse melhores resultados pelo mesmo investimento de recursos humanos e financeiros. A resposta da Junta chegou assim:

A Comissão de Novos Campos, ao mesmo tempo, informou a Convenção: Quando a providência de Deus oferece um campo amplo e convidativo - que é suscetível de implicar uma pequena despesa de dinheiro - em um que já existe um por cento das pessoas que saíram do nosso próprio país, que falam nossa própria língua, e entre os quais existem números da nossa própria denominação em números que constituam centros de influência em vários pontos - parece que não nos deixam alternativa - e tal é a condição do Brasil. A "Primeira Igreja Batista no Brasil", perto de Santa Bárbara, na província de São Paulo, já é uma organização autossustentável, sob o pastoreio do Rev. E. H. Quillin, e expressou um desejo sincero de ser reconhecida pela nossa Junta, com o propósito de continuar o trabalho missionário no país vizinho, tanto entre os emigrantes dos Estados Unidos e brasileiros nativos [...] Em várias localidades não muito distantes de Santa Barbara, existem outras colônias dos Estados Unidos nas quais há alguns batistas que, sob o trabalho de um eficiente missionário, podem ser consolidadas como igrejas, e assim, em um comparativamente curto prazo, e por uma despesa moderada, incorporaria uma influência naquele país com vasta promessa de utilidade. O preliminar trabalho no Brasil já é realizado, e nós somos simplesmente convidados, de forma mais urgente, a ocupar o campo. Aqueles irmãos naquele campo distante desejam ser colocados em tal comunicação com a grande fraternidade batista a ponto de sentir as pulsações vivificantes da vida espiritual para fortalecê-los e incentivá-los para o trabalho ante eles (BARNES, 1954, p.72) (tradução nossa).

A decisão acima comunicada gerou a vinda dos primeiros missionários batistas fixos ao Brasil. É evidente que Bowen e Quillin já inauguraram a categoria de missionários batistas no país. No entanto, Bowen permaneceu por dez meses no campo missionário e foi obrigado a voltar, enquanto Elias Hoton Quillin pastoreou uma igreja de imigrantes que não tinha compromisso com a evangelização do Brasil. A partir da missiva acima exposta, a Junta de Missões americana começou a providenciar a vinda de um casal de missionários que começasse o trabalho de pregação aos nativos brasileiros e não mais de pastoreio de batistas estrangeiros.

### **As primeiras igrejas**

Como foi exposto anteriormente, Alexander Travis Hawthorne foi o grande incentivador das missões estrangeiras no Brasil na Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, em 1880. O general havia recentemente conseguido o reconhecimento do Brasil como uma das missões oficiais da Junta de Missões Estrangeiras, o órgão responsável por apoiar, fomentar e coordenar os missionários fora dos Estados Unidos. Esse status abriria portas à missão brasileira para que a instituição enviasse missionários para o Brasil a fim de começar um novo trabalho.

## Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)

Nesse propósito, Hawthorne conheceu um casal de namorados, Anne E. Luther e William Buck Bagby, os quais sentiam desejo de se tornarem missionários. Anne E. Luther, tinha 21 anos e era filha de pastor batista. A jovem estava noiva de William Buck Bagby, então com 25 anos, formado teólogo batista pela Waco University, sediada no Texas. Bagby não tinha interesse no trabalho missionário, mas afirma que sua “atenção foi direcionada ao Brasil, primeiro, pelo General A. T. Hawthorne, quem viajou por essa terra nas montanhas imediatamente após nossa Guerra Civil” (TUPPER, 1891, p.164).

Após um período de estudo sobre o Brasil, quando também leu *Brazil and Brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches* (O Brasil e os brasileiros: retratados em esboços históricos e descritivos), de Fletcher e Kidder, o jovem decidiu acompanhar Anne Luther em sua empreitada no Brasil. Os dois se casaram em 21 de outubro de 1880 e se apresentaram à Junta. A organização aceitou-os como missionários oficiais e se comprometeu a assumir suas despesas pessoais e enviar recursos materiais e humanos para o início da obra batista no Brasil.



Figura 2 - William e Anne L. Bagby (1886). Arquivo Betty Antunes de Oliveira.

O casal Bagby embarcou em 12 de janeiro de 1881 em Baltimore, no veleiro *Yamoyden*, com destino ao Rio de Janeiro. Chegaram em 2 de março de 1881, após quarenta e oito dias de viagem. Bagby se encantou com as belezas naturais do Rio

de Janeiro à sua primeira vista e descreveu o que viu e o impressionou ao chegar à cidade:

É o mais lindo panorama que os meus olhos já contemplaram. Não posso descrever a beleza desta auréola de montanhas, enroupadas de verde e entremeadas de vilas e capelas. Nunca vi a baía de Nápoles nem a (Golden Horn) de Constantinopla, mas esta certamente deve ser rival das paisagens encantadas do mundo. Olhando, porém, esta noite para o lindo panorama de luzes cintilando à beira do mar, ao lado das montanhas e quase confundindo-se com as estrelas, entristece-se o meu coração por haver aqui milhares de almas sem Deus e sem esperança, sob a sombra triste de um eclipse! Ó Deus, conceda eu tua verdade, como está em Cristo Jesus, encha esta terra, de norte a sul, e do Atlântico aos Andes! (CRABTREE, 1962, p.66)

Embora tenham chegado e se maravilhado com o Rio de Janeiro, então capital do Império, os Bagby foram levados a Santa Bárbara, onde já havia duas igrejas batistas instaladas. A primeira, em Santa Bárbara, tinha dez anos de fundação, e a segunda, em um local chamado *Station*, hoje município de Americana, tinha dois anos de abertura. Crabtree afirma que as duas igrejas estavam com pouca membresia e funcionando apenas com as atividades regulares quando o casal chegou. Poucos membros frequentavam o culto e muitos outros frequentavam outras igrejas. Segundo ele, inclusive, “um dos pregadores havia abandonado a fé e migrado para o espiritismo” (CRABTREE, 1962, p.67). Apesar de chegar para apoiar a igreja, o casal não ficou na cidade por muito tempo, mas logo se transferiu a Campinas para estudar português. A estadia em Santa Bárbara, mesmo que curta, lhes rendeu o contato com um colégio presbiteriano campinense, onde foram recebidos e entraram em contato com um ex-padre chamado Antônio Teixeira de Albuquerque, o qual lhes ensinou o básico da língua portuguesa.

Antônio Teixeira de Albuquerque, alagoano, nascido em 1840, matriculou-se no Seminário Católico de Olinda ainda adolescente com o objetivo de ser pároco. As narrativas sobre sua conversão contam a história de que o então estudante “descobriu muitas coisas que não estavam conforme o ensino ministrado por seus professores” (BARBOSA e AMARAL, 2007, p.25) a respeito da Bíblia enquanto a lia sozinho. Ainda assim, continuou o curso, formou-se e foi cuidar de uma paróquia em sua província natal. Entretanto, dizia que sua consciência o pesava. Sob a acusação das autoridades católicas de que eram falsas as Bíblias protestantes, foi estudar todas as versões disponíveis a luz do original em grego. Sobre isso, escreveu posteriormente:

## Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)

Tive uma hora feliz: compenetrei-me do dever de estudar séria e cuidadosamente a Palavra de Deus, ora confrontando as diversas versões para certificar-me se havia Bíblia falsa, ora meditando sobre cada mandamento de Deus, ensino e preceito de Jesus Cristo. Fiquei surpreendido, pois todas as versões vinham do mesmo original (grego) e eram iguais. Não havia Bíblia falsa. Essas coisas eram inteiramente novas para mim (BARBOSA e AMARAL, 2007, p.25).

Logo após essa experiência deixou a batina e fugiu de Maceió para o Recife. Foi recebido por uma amiga, com a qual se casou posteriormente, e fugiram para São Paulo. Lá, se filiaram a uma igreja metodista. Entretanto, Albuquerque, que continuou a estudar o Novo Testamento, entendeu que o verdadeiro batismo seria por imersão. Ao conhecer as doutrinas batistas, especialmente a do batismo, e saber que existia uma colônia batista em Santa Bárbara, Albuquerque se dirigiu até lá e pediu que fosse batizado. Tal cerimônia foi realizada por Robert Thomas, então pastor batista local, e, na mesma ocasião, Albuquerque foi consagrado ao ministério batista, em 20 de junho de 1880. Até hoje é comum se afirmar que Albuquerque foi o primeiro batizado batista brasileiro e sem ascendência estrangeira. Também, conseqüentemente, foi o primeiro pastor batista brasileiro (BARBOSA e AMARAL, 2007, p.25).

Nesse ínterim, os Bagby chegaram ao colégio em que Albuquerque lecionava e começaram uma amizade com o ex-padre. Ambos compartilhavam do desejo de expandir a pregação pelo Brasil e multiplicar as igrejas e os fiéis além das fronteiras da colônia de Santa Bárbara. Entretanto, a equipe até então era composta apenas pelos três, os quais se sentiam desamparados. William Bagby enviava cartas frequentemente a Richmond, sede da Junta de Missões Estrangeiras, solicitando reforço na equipe:

Seria de muita vantagem se pudéssemos começar o nosso trabalho com diversos pregadores. Não será possível mandar, em breve, outros para este campo? O trabalho é urgente. Muitas cidades ao alcance das estradas de ferro nunca ouviram o evangelho na sua pureza. Onde está o irmão Z. C. Taylor? Precisamos dele aqui (CRABTREE, 1962, p.68).

O Z. C. Taylor mencionado acima era Zachary (ou Zacarias, como virou ao se mudar para o Brasil) Clay Taylor. Zachary matriculou-se no Seminário Teológico Batista do Sul dos Estados Unidos em 1881, quando também passou a se comunicar por cartas com Richard Ratcliff, pastor da igreja batista de Santa Bárbara. Ainda não havia missionários no Brasil, de forma que o jovem seminarista continuou seus “estudos com especial referência ao Brasil, coletando, entretanto, informações sobre aquele país das últimas enciclopédias, artigos presbiterianos e metodistas e o livro

*Brasil e os brasileiros*, de Kidder e Fletcher (Ed. de 79), circulando estes trabalhos, e fazendo o meu melhor para conseguir que outros fossem” (TUPPER, 1891, p.210). Nesse contexto conheceu William Bagby, o qual partiu acompanhado de Anne em 1881 para o Brasil. Quando o pioneiro chegou a Santa Bárbara, logo enviou cartas a Hawthorne e Taylor solicitando a transferência do jovem e sua esposa para serem também missionários no Brasil. Kate e Zachary se casaram em 25 de dezembro de 1881 e partiram em 2 de janeiro de 1882 para o Brasil na companhia do general Hawthorne.

Nesse período, Bagby havia aceitado o pastorado das duas igrejas dos imigrantes americanos em Santa Bárbara e Americana. Pregava duas vezes ao mês em cada uma. Seis novos membros foram batizados nos primeiros meses e uma dúzia de outros convertidos que se juntaram a igreja batista oriundos de igrejas metodistas e presbiterianos. No fim do ano de 1881 já havia pregado quatro sermões em português nas referidas igrejas.

Quando a equipe missionária ficou completa, com os Bagby, os Taylor e Albuquerque, o grupo começou a pensar em sair de Santa Bárbara para outro lugar. Bagby pensava inclusive em fechar as igrejas da cidade pela inatividade e acomodação dos membros. Os missionários, então, partiram para uma viagem a fim de conhecer as várias províncias do Império, especialmente Minas Gerais, onde preferiam que o trabalho fosse aberto. Entretanto, escolheram estabelecer-se em Salvador, com o consentimento da Junta, a qual fora convencida por Hawthorne de que “não há lugar no Brasil que ofereça mais incentivos para a localização de missão permanente do que a Bahia” (TUPPER, 1891, p.250). A escolha por Salvador foi originada pelos seguintes motivos: 1) era uma cidade de mais de duzentos mil habitantes e muito povoada ao redor. 2) era a maior cidade do Brasil à exceção da capital, Rio de Janeiro. 3) era costeira e tinha linhas de ferrovias que cortavam a província e outros locais. 4) foi por eles chamada de “capital eclesiástica do país”, pois abrigava o arcebispo primaz católico do Brasil. 5) tinha apenas dois missionários presbiterianos trabalhando na cidade, enquanto em outras do mesmo porte, como o Rio de Janeiro, por exemplo, oito missionários já tinham aberto igrejas evangélicas. 6) a maioria dos missionários protestantes tinha escolhido cidades do Sul ou Sudeste brasileiro (CRABTREE, 1962, p.73-74) (BARBOSA e AMARAL, 2007, p.30).

## Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)

As famílias chegaram a Salvador em 31 de agosto de 1882, em doze pessoas, pois os Bagby já tinham uma filha, chamada Ermine, os Albuquerque tinham quatro, e havia ainda uma empregada. O grupo conseguiu alugar um sobrado para morar e reunir os fiéis que chegariam. Todos moravam no andar de cima e o salão de culto era a nível térreo, o qual comportava duzentas pessoas sentadas. Em 15 de outubro de 1882 foi fundada a Primeira Igreja Batista da Bahia por cinco membros fundadores: os dois casais americanos e Albuquerque<sup>5</sup>. Abaixo reproduzimos um excerto da ata de fundação da igreja:

176

Ata primeira da sessão de instalação da Primeira Igreja Batista na cidade da Bahia, 1882.

No dia 15 de outubro de 1882 da era cristã, estando nesta cidade da Bahia, no lugar denominado Canela, às 10 horas da manhã os abaixo-assinados, membros da Igreja Batista de Sta. Bárbara, na província de São Paulo, tendo-se retirado daquela província para esta, uniram-se à Igreja Batista, fazendo a sua instalação legalmente. São os seguintes: Sr. Antônio Teixeira de Albuquerque, Sr. Z. C. Taylor, D. Catharina Taylor, Sr. W. B. Bagby, D. Anna L. Bagby.

[...]

Depois de instalada a igreja, com os cinco membros supracitados, adotamos unanimemente a Confissão de Fé, chama-se "The Neu [sic] Hampshire" Confissão de Fé, como praticada geralmente pelas igrejas batistas missionárias.

Adotamos o seguinte pacto: o Sr. Bagby foi eleito por unanimidade de votos – moderador – o Sr. Antônio Teixeira de Albuquerque – idem – secretário. O nome da igreja foi intitulado: Primeira Igreja Batista da Bahia. Por unanimidade de votos, foi designado o 2º domingo de cada mês para Ceia do Senhor, depois da pregação às 11 horas da manhã. – Foi designado que haveria reunião da igreja para oração e negócios da igreja.

Encerrada a sessão, tem em seguida: culto, pregação do Evangelho e celebração da Ceia do Senhor.

Eu secretário a escrevi e assino-me,  
Antônio Teixeira de Albuquerque

Bahia, 10 de maio de 1883 (REILY, 2003, p.148).

Carecemos de esclarecer alguns conceitos utilizados pelo redator da ata acima para que possamos compreendê-la em sua integralidade. Em primeiro lugar, o documento afirma que foi adotada a *Confissão de Fé de New Hampshire* como o credo oficial da congregação. Na história das igrejas cristãs, diversas confissões de fé ou credos foram redigidos para expressar um consenso doutrinário entre determinado grupo, denominação ou tradição religiosa. As confissões de fé ou credos expressam direta e sistematicamente quais são as doutrinas centrais dos grupos para que, quando tal coletividade se deparar com alguma celeuma doutrinária ou quando precisar ser diferenciado de outro, tais documentos devem ser os referenciais

<sup>5</sup>Sua esposa, chamada Senhorinha Francisca de Jesus, embora presente, ainda não era batista.

dogmáticos. Escrever confissões e publicá-las foi uma prática muito comum dos protestantes tanto por sua diversidade doutrinária e eclesiológica quanto pelo caráter sectário e focado na ortodoxia doutrinária das igrejas locais. Os batistas, por exemplo, têm confissões de fé desde seus primeiros anos. Sua primeira confissão foi a *Confissão de Fé Batista de Londres*, publicada em 1644.

A *Confissão de Fé de New Hampshire* foi um documento escrito por John Newton Brown, em 1833, e publicada no estado que leva o nome do documento. Pouco tempo depois, tal credo já era aceito pela maioria das igrejas batistas estadunidenses, de forma que se tornou a confissão mais utilizada pelos missionários batistas enviados ao Brasil no final do século XIX. No Brasil passou a ser chamada de *Declaração de Fé das Igrejas Batistas do Brasil*.

Em segundo lugar, faz-se necessário que expliquemos o que significa ser “moderador” e “secretário” de uma igreja batista. A figura do moderador geralmente existe pela necessidade civil de existir um responsável legal pela instituição. Ou seja, o moderador, que geralmente é o pastor principal da igreja, é quem responde à sociedade e ao Estado pela igreja, por seus encargos e responsabilidades. Já a figura do secretário se faz necessária como aquele que é responsável por redigir e assinar todas as atas das assembleias dos membros, atualizar o *hall* de membros e gerenciar as atividades cartoriais e jurídicas das igrejas. Destarte, faz sentido que William Bagby fosse eleito o moderador, pois era o pastor principal da igreja, e Albuquerque o secretário, pois era o único membro brasileiro e o que melhor escrevia em português até então.

É possível perceber uma desconformidade entre a data de fundação da igreja e a data disposta na ata. Provavelmente a ata foi escrita e assinada no dia de fundação da igreja, mas oficializada em cartório e registrada em algum livro oficial da instituição alguns meses depois. Nesses primeiros meses o trabalho foi sendo ajustado pelos missionários. Bagby pregava e Taylor lia e escrevia sermões em português para dominar melhor a língua. As duas missionárias desejavam “formar classes bíblicas femininas, visitar lares nativos e fazer serviços religiosos legalmente” (TUPPER, 1891, p.250). Albuquerque recepcionava os visitantes e conversava com as pessoas nas ruas. As três famílias pareciam se coordenar bem no trabalho. Todas as segundas-feiras tinham uma reunião missionária, para estudar como iam progredindo na sua missão. Em uma dessas reuniões de segunda-feira, deliberaram sobre como

## Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)

deveriam evangelizar o Brasil, à luz de uma leitura do livro bíblico de Atos dos Apóstolos. Chegaram à conclusão de que era necessário que se espalhassem. Dessa reunião, William Carey Taylor, filho do casal Taylor, relembra que os missionários tinham um sentido de urgência quanto ao Rio de Janeiro: “Deve haver trabalho na capital do país. Quem iria? Afinal, Bagby se manifestou como pronto para ir, e Taylor pronto a ficar, e assim foi resolvido, o ex-padre também tendo uma chamada para Maceió, onde vivera duas vezes, a última como padre” (TAYLOR, 1953, p.83). Assim planejaram, mas continuaram trabalhando em Salvador até a data que considerassem, eles e a Junta, apropriada.

No relatório do primeiro trimestre, que compreendia o período entre outubro de 1882 e janeiro de 1883, enviado à Junta de Missões Estrangeiras de Richmond, Bagby afirmou que:

No segundo Dia do Senhor, em janeiro, iniciamos cultos públicos em nosso salão de pregação. Desde então, tenho pregado em todo domingo, menos um. Estou adquirindo algum desembaraço no falar e pregar em português, mas pode ser que eu demore alguns anos até que possa usar a língua com perfeita fluência. Espero logo poder falar totalmente sem manuscrito. Domingo à noite tivemos cerca de setenta pessoas presentes. Nossa influência parece estar sempre aumentando. Muitos estão lendo os tratados e folhetos que distribuimos. Os sacerdotes nos denunciaram publicamente, e advertiram o povo contra a assistência aos nossos cultos, apesar disto eles vêm (TAYLOR, 1953, p.149).

O trabalho crescia a despeito da reduzida equipe, do pouco investimento e da oposição católica. Em um ano, a igreja já tinha 25 membros e 35 alunos de Escola Bíblica Dominical<sup>6</sup>. O plano de crescimento numérico dos batistas foi claro e todos os esforços da igreja da Bahia e das demais que seriam fundadas adiante eram os mesmos: pregação direta com ênfase no conversionismo. Tal artifício diferenciou-se de outras denominações, como os metodistas, por exemplo, “que organizaram escolas visando influenciar as futuras gerações”. Já o proselitismo batista cingiu “sua estratégia em função daquilo que chamaram de evangelização direta, confrontando as pessoas e exigindo delas uma decisão imediata” (AZEVEDO, 2004, p.190).

No ano seguinte, em 1884, o número de batistas crescia em Salvador, segundo o livro produzido pela Junta de Missões Estrangeiras que dava relatórios

---

<sup>6</sup>A escola bíblica dominical (EBD) é uma prática muito comum entre os protestantes, especialmente os históricos (batistas, metodistas, presbiterianos e congregacionais). Trata-se de classes divididas por faixas etárias com o objetivo de se ensinar a Bíblia. Acontecem nos domingos anteriormente aos cultos e se tornaram a mais importante estratégia de ensino e catequese protestante. Para frequentá-la, assim como os cultos, não é preciso ser membro da igreja. Por isso a disparidade no dado citado.

anuais das missões da instituição (TUPPER, 1891, p.286). Agora os pastores pregavam entre seis e oito sermões por semana em seis locais diferentes da cidade. As conversas na rua e as visitas aumentaram a frequência, muito porque as pessoas demonstravam curiosidade em saber o que acontecia entre os protestantes. A igreja prosperava e a Junta de Richmond começou a ter a missão brasileira com novos olhares. William Bagby também. O missionário, depois de fixada a igreja, começou a almejar reproduzir o que foi feito em Salvador em outras cidades do país. O Rio de Janeiro era a principal cidade candidata. Bagby explicava que uma igreja na capital era muito desejada por sua equipe missionária pois:

o sucesso imediato do trabalho e a demora na chegada de outros missionários levaram-nos a pensar na abertura de uma nova frente. Já desde 1882, pensavam em ampliar a missão, abrindo uma nova frente no Rio de Janeiro, de onde se poderia pastorear também Santa Bárbara, agora reduzida a apenas uma igreja (AZEVEDO, 2004, p.194).

O casal Bagby, sua filha Ermine, e Mary O'Rorke, empregada de origem escocesa da família, chegaram ao Rio de Janeiro, então com pouco mais de 400 mil habitantes, em 24 de julho de 1884. A família foi recebida em uma pensão de uma senhora inglesa que, além de oferecer um quarto, lhes franqueou uma sala de visitas para as reuniões. "Assim, após algumas reuniões em que Bagby pregava em inglês [pois sua família, a anfitriã e os outros visitantes eram anglófonos], foi constituída a 24 de agosto [de 1884], na pensão, a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro" (AZEVEDO, 1988, p.21), a segunda aberta pelos missionários batistas no Brasil. Logo depois, os esforços se direcionaram para Alagoas, sendo fundada em 17 de maio de 1885 a PIB de Maceió. Albuquerque assumiu a igreja, que foi iniciada com 10 membros. Em seguida, foi a vez de Recife, fundada com seis membros em 4 de abril de 1886. Ambas as igrejas começaram a ser pastoreadas por locais pouco preparados e não consagrados ao ministério ainda, os quais não temos informações mais detalhadas. Essa era uma grande preocupação de Taylor, que já era pastor da PIB da Bahia e supervisionava as duas novas frentes missionárias. Em correspondência com Richmond, o pastor alertava que "ambas as igrejas [Maceió e Pernambuco] vão cair se a ajuda não chegar logo. Eu não pude visita-los durante o ano" (TUPPER, 1891, p.380, tradução nossa). Não temos relatos de como membros ou líderes locais de tais igrejas enxergavam a situação das congregações. É possível que o tom alarmado da carta de Taylor à Richmond tenha sido exagerado para que a Junta de

## Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)

Richmond atentasse mais para as necessidades das igrejas brasileiras. De todo modo, mesmo que a situação das igrejas não fosse tão débil quando Taylor descreveu, é flagrante a vulnerabilidade da presença batista no período e o quanto as igrejas eram inteiramente apoiadas na atuação do núcleo de missionários estrangeiros aqui instalados.

Todos os missionários solicitavam apoio à Junta, tanto coletivamente quanto individualmente, pois sentiam que a demanda já era muito maior do que a mão de obra para realizá-la, entretanto, “o mais insistente nisto foi o dr. Taylor. Ele declarou, numa carta, que a evangelização do país podia ser feita melhor pelo pregador nacional do que pelo missionário” (TAYLOR, 1953, p.85). Há uma aparente contradição entre o temor de Taylor de que as igrejas de Maceió e Recife se enfraquecessem pois estavam entregues às mãos dos nativos e a aspiração de que a denominação crescesse pela operação de pregadores nacionais.

O que parece é que Taylor, nos primórdios do trabalho, já se preocupava com a formação de pastores locais, principalmente através de seminários e escolas de pastores. Para ele, os americanos seriam insuficientes para pastorear os brasileiros que se converteriam e os locais eram despreparados para assumir tal tarefa. Uma saída mais inteligente para o missionário era preparar os locais em detrimento de importar pastores preparados. A problema, portanto, não era que os líderes das igrejas de Maceió e Recife eram locais, mas que eram despreparados para tal serviço. Por diversos motivos, como a primazia dos trabalhos na África e na Ásia frente às missões nas Américas e o aguardo pela estabilização da missão no Brasil, a solicitação de investimentos para a preparação de pregadores locais só se tornou uma pauta para a Junta de Richmond vinte anos depois, quando começaram a ser formados os primeiros seminários batistas no Brasil.

A igreja do Rio de Janeiro solicitou ajuda para se mudar da pensão para um salão de culto. Entretanto, a Junta de Richmond negou o pedido respondendo: “Como pode um homem e um pregador nativo suprir três cidades e três ou quatro estações?” (TUPPER, 1891, p.380)<sup>7</sup>. A instituição desejava reforçar o Brasil a partir deste momento com novos quadros que pudessem, assim que preparados e

---

<sup>7</sup>“Estações” era a forma de se chamar os pontos de pregação fixos onde ainda não havia sido formada uma igreja. Os cultos nas estações, na maioria das vezes, eram realizados em locais públicos ou em domicílios, mas ainda não havia templo nem pastor específico para tal grupo de fiéis.

experimentados, assumir os pontos de pregação que foram abertos e os que estariam por ser fundados. Cinco rapazes texanos tinham suas fichas sendo analisadas para serem enviados ao Brasil, entretanto não foram enviados por motivos desconhecidos. Em fevereiro de 1885, Bagby escreveu à Junta dizendo: “Meu coração irá saltar de alegria quando eu receber um homem para Santa Barbara, e dois para o Rio, com uma moça para ajudar” (TUPPER, 1891, p.378).

Mesmo ainda não recebendo tal apoio, Salomão Ginsburg, que foi peça chave no crescimento batista posterior, afirmou que “os batistas no Rio de Janeiro foram muito ativos na propagação dos seus princípios distintivos e, conseqüentemente, muitos dos convertidos de outras igrejas evangélicas foram atraídos para o rebanho batista.” (GINSBURG, 1921, p.27). Segundo os dados de movimento de membros da PIB do Rio de Janeiro, 56 pessoas entraram no *hall* de membresia por carta no período entre 1884 e 1895 enquanto 105 pessoas foram batizadas na igreja no mesmo período. Isso quer dizer que, provavelmente muitas pessoas oriundas de outras igrejas evangélicas pediram transferência à PIB do Rio de Janeiro e foram aceitas, confirmando a afirmação de Ginsburg acima. Em agosto de 1885, Herbert Soper, que era missionário junto aos marinheiros ingleses no Rio de Janeiro, foi consagrado pastor por William Bagby. Soper começou a auxiliar Bagby na PIB do Rio de Janeiro, mas logo foi transferido para Santa Bárbara para pastorear a igreja que, desde a ida dos missionários para Salvador, em 1882, ainda não tinha experimentado um pastorado contínuo.

O primeiro período do trabalho batista missionário no país, de 1882 a 1886, como descrito acima, foi caracterizado pela separação da equipe missionária pela consolidação das primeiras igrejas abertas, Salvador, Rio de Janeiro, Maceió e Recife. Os missionários, além de tentarem fortalecer as comunidades locais que pastoreavam e supervisionar as igrejas anteriormente fundadas em Santa Bárbara, realizavam incursões aos sertões de seus respectivos estados para pregar, distribuir Bíblias e folhetos e abrir pequenos pontos de pregação. No geral, essa foi a atividade dos primeiros cinco anos de trabalho da equipe, onde o esforço primordial era a expansão numérica de igrejas e o estabelecimento de um grupo coeso de pastores e líderes.

Como a equipe era reduzida e os recursos enviados pelas instituições de fomento missionário americanas ainda eram modestos, o grupo de pastores preferiu iniciar os trabalhos na contramão geográfica de outras denominações protestantes

## **Primórdios batistas no Brasil: abertura de igrejas e formação da equipe missionária (1881-1886)**

que se estabeleciam no país no mesmo período. Enquanto metodistas e presbiterianos abriram suas primeiras igrejas no Sudeste brasileiro, os batistas iniciaram a implementação de congregações pelo Nordeste, a partir de Salvador, para depois acessaram as capitais mais ao sul do Brasil. Das quatro igrejas abertas no recorte deste trabalho, três são em capitais nordestinas. Talvez tal estratégia possa auxiliar outras pesquisas que expliquem o crescimento da denominação nas décadas seguintes, especialmente a partir dos anos 1910.

Foi possível perceber pela análise exposta no decorrer do trabalho que os primeiros cinco anos de atividade batista missionária no Brasil foram marcados pela formação de um grupo de pastores que, pelo menos por mais vinte anos, foram centrais na denominação. A necessidade primária era de ministros, para que as igrejas fossem implantadas e pudessem seguir suas atividades de forma melhor a partir de pastores e congregações bem estabelecidas localmente, as lideranças do período pensavam que a denominação poderia avançar em seus objetivos. Ademais, foi possível perceber o perfil da primeira equipe missionária batista enviada ao Brasil e analisar suas escolhas de atuação, as quais afetaram diretamente as décadas seguintes de inserção do protestantismo de tradição batista no país.

182

**Artigo recebido em 24 de abril de 2020.**

**Aprovado para publicação em 10 de maio de 2020.**

### **Imagens**

Figura 1 - Alexander Travis Hawthorne. Acervo pessoal Betty Antunes de Oliveira.

Figura 2 - William e Anne L. Bagby (1886). Acervo pessoal Betty Antunes de Oliveira.

### **Referências**

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

AZEVEDO, Israel Belo de. *Coluna e firmeza da verdade: história da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro*. Vol. 1: 1884-1927. Rio de Janeiro: Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, 1988, p.21.

BARBOSA, Celso Aloísio. AMARAL, Othon Ávila. *O livro de ouro da CBB: epopeia de fé, lutas e vitórias*. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p.21.

BARNES, William Wright. *The Southern Baptist Convention (1845-1953)*. Nashville: Broadman Press, 1954, p.72.

CAVALCANTI, H. B. "The Right Faith at the Right Time? Determinantes of Protestant Mission Success in the 19th-Century Brazilian Religious Market". *Journal for the Scientific Study of Religion*, Vol. 41, No. 3, Grand Rapids, 2002, p.425.

CESAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Editora Ultimato, 2000, p.79.

CRABTREE, A. R. *História dos batistas no Brasil até 1906*. Edição 2. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

GINSBURG, Salomão. *A missionary adventure: An Autobiography of Solomon L. Ginsburg*. Nashville: Baptist Sunday School Board, 1921, p.27.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. "O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas". *Revista USP*, N. 67, São Paulo, 2005, p.48-67.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2005, p.106.

REILY, Alexander Duncan. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. Edição 3. São Paulo: ASTE, 2003, p.148.

TAYLOR, William Carey. *Zachary Clay Taylor: uma biografia*. Rio de Janeiro: edição livre, 1953, p. 83.

TUPPER, H. A. *A Decade of Foreign Missions (1880-1890)*. Richmond: Foreign Mission Board, 1891, p.164.

WEAVER, Blanche Henry Clark. "Confederate Immigrants and Evangelical Churches in Brazil". *The Journal of Southern History*, Vol. 18, No. 4, Houston, 1952, p.446.

WRIGHT, Mary Emily. *The Missionary Of The Southern Baptist Convention*. Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1902, p.64.